

Os leitores conversam connosco

275. UGANDA
Kampala
Dioc. de Kampala

CARTAS DE PERTO E DE LONGE

1. Em carta de 13/XI/74 escreve A. T. M. sobre o «TERÇO PELA PAZ»: «Como resultado do tão sublime Encontro dos Chefes de Trezena dos Cruzados da Fátima realizado no princípio de Outubro último e por iniciativa de uma jovem que também assistiu, organizou-se nesta paróquia um grupo de voluntários (homens e mulheres) que se comprometeram a rezar o terço do rosário todos os dias ao anoitecer, depois do regresso dos trabalhos campestres... Que Nossa Senhora da Fátima abençoe estas iniciativas e este exemplo sirva de estímulo para outras paróquias para glória de Deus, da Sua SS.^{ma} Mãe e de bênçãos para a Santa Igreja, nomeadamente em Portugal». Amigos de Figueira, continuais perseverantes?

na Fátima!). O Senhor Bispo de Campala traduziu a história da Fátima para a língua bantu. Escrevem-nos agora de lá anunciando que estão a traduzir o texto da missa de Nossa Senhora da Fátima para o rezarem na celebração de 13 de Maio próximo.

Nous sommes avec vous, chers frères!

2. Do Vietname escreve Pierre-Vincent PHAM - DINH - KHIEM dando-nos conta das orações dos membros do Exército Azul naquela nação martirizada por anos e anos de guerra. Uma imagem

de Nossa Senhora da Fátima percorreu toda a República do Vietname do Sul «despertando por toda a parte o entusiasmo e o fervor das massas populares». «Dois milhões de vietnamitas de todas as confissões religiosas responderam ao apelo lançado pela Comissão de Recepção à Virgem da Fátima, a qual era presidida por representantes oficiais das quatro grandes religiões do Vietname».

Não há dúvida de que o carisma da Fátima é a reconciliação.

3. De Paredes do Douro uma carta muito simples mas muito sentida dum leitora, D. Deolinda N. M., prometendo que rezará à Nossa Senhora para que «não tenha medo de dizer a todo o mundo que reze o terço a Nossa Senhora».

Aqui fica o apelo, irmã!

TEMOS QUE DAR TRABALHO AOS DEFICIENTES

«... Não acha que tenho razão para desanimar? Eu não queria abrigo por caridade, queria que me dessem trabalho na medida das possibilidades. Queria trabalho num sítio onde reinasse a compreensão cristã, onde o físico fosse secundário... E contudo não há maneira de conseguir... Custa-me a encarar que são os mais novos e fisicamente aptos para tudo tenham sempre os primeiros lugares. Não falo só por mim, mas por tantos que se encontram nas mesmas condições».

Esta carta é dum deficiente física que se encontra nas condições daquele paraplético de que nos fala o Evangelho e que durante trinta e oito anos esperou em vão que alguém o ajudasse a subir para a piscina do milagre.

Que faremos? Não seria solução o Governo obrigar todas as empresas a empregar um certo número de deficientes, em proporção com o número dos seus trabalhadores? É urgente que se resolva este problema. Os deficientes têm o mesmo direito ao trabalho que os sãos.

REACÇÕES AO ARTIGO «SOBRE OS ERROS DA RÚSSIA»

1. O P. António S. A. acha que a nossa posição no passado mês de Dezembro «está muito bem considerada e nem poderia ser outra sem contrariar a Mensagem de Nossa Senhora».

2. D. Irene C. escreve: «Vivo muito a ideia de que os erros da Rússia são essencialmente causados e alimentados pela nossa infidelidade aos pedidos de Nossa Senhora... E gostaria tanto que nós, em lugar de andarmos positivamente apavorados com medo da Rússia, a envolvêssemos em amor e desejo de a ver muito depressa arripiar caminho e aceitar ser no mundo mensageira de uma justiça social que não exclua o Senhor».

3. Frei Martinho P., desenvolvendo a «oposição firme e forte» ao comunismo que lhe parece ver na Mensagem da Fátima, vai ao ponto de dizer: «São horas de acabar com a história do anti-comunismo estéril e começar uma forte campanha explícita de anti-comunismo religioso, e não político. Depois será tarde demais!»

4. O P. Amaro F. S. lamenta que a nossa posição não tenha sido mais clara: «Há certas atitudes que querendo harmonizar o «sim e o não» (seja a vossa palavra sim-sim, não-não) fazem corromper o bom vinho em vinho sem força e talvez em bom vinagre...»

5. O Sr. Domingos F. S. acha que devíamos fazer qualquer coisa para tomar consciência dos sofrimentos dos presos políticos na U. R. S. S.: «Todo o mundo sabe que na Rússia há mais de mil campos de concentração onde os desgraçados que lá entram morrem completamente desamparados».

6. Um «antigo Chefe de Trezena» (atenção, prezado irmão, porque há-de ter medo de revelar o seu nome?) acha que «não parece oportuno o artigo «sobre os erros da Rússia» e que, para pôr em relevo o erro máximo da Rússia que é o ateísmo, não é preciso conhecer os 17.500 volumes do tal especialista citado».

SOBRE A MISSA DA RÁDIO RENASCENÇA

Muitos ouvintes da missa dominical da Rádio Renascença nos têm escrito lamentando que a «transmissão» tenha sido interrompida a partir da greve dos trabalhadores. Há cartas encantadoras, como esta: «Peço-lhe desculpa das minhas palavras, que eu não fui à escola eu vivo no concelho de Soure. Eu queria pedir que não deixassem de transmitir o terço e a missa que é triste nós doentes estarmos à espera de ouvir a santa missa e ficamos só com os olhos cheios de lágrimas...»

Nós também temos muita pena! E gostaríamos muito que o conflito se resolvesse o mais depressa possível. E embora não vejamos neste momento como, temos esperança de que se há-de resolver, de modo que a Igreja possa dispor livremente da sua emissora, com todo o respeito, claro está, pelos direitos dos trabalhadores que, em comunhão com a Igreja (que não pode existir sem o episcopado), desejam colaborar na missão sublime da Rádio Renascença.

3. M. C. Garcia, da Beira Alta, protestando contra «essas ditas mesas redondas» que tentam desacreditar a Mensagem de Nossa Senhora e onde veio ao de cima a cobiça do tesouro de Fátima e do Vaticano, e onde se atacou descaradamente a Mãe Igreja». Prosseguem referências a outras mesas redondas do Movimento Pró-Divórcio e ainda à «mesa redonda de Coimbra (que parecia uma mesa de teatro onde cada um fazia o seu papel a escarnecer a devoção a Nossa Senhora...» E depois dizem os chefes que não querem abrir de novo uma questão religiosa em Portugal. Pois estamos ainda muito longe da tolerância verdadeiramente democrática. Simplesmente temos de reconhecer que também pecámos neste capítulo durante o tempo em que «eles» não tinham liberdade. Os cristãos têm de ser os primeiros a respeitar a sinceridade dos seus inimigos.

4. Escrevem-nos num postal: «Desejo assinar o jornal, pois o facto de ser muito mostra ser bom informador». — B. Sousa.

1. Em Campala, Uganda (África), há um Santuário dedicado a Nossa Senhora da Fátima. (Oxalá os Portugueses sejam dignos do amor que tantos cristãos têm a Portugal, pelo mundo além, por causa de Nossa Senhora ter aparecido

OS CATÓLICOS NA RÚSSIA

Continuação da 1.ª página

dioceses. Em conjunto havia 3.903.000 fiéis e 2.152 padres. O bispo de Stanislawiw, preso em 1945, morreu na prisão no ano seguinte. Quanto ao arcebispo de Lwow, D. Slipij, foi deportado para a Sibéria em 1945 e libertado em 1953. Desde então reside no Vaticano. Foi feito cardeal em 1965.

SEM BISPOS E COM POUCOS PADRES

Resumindo, a U. R. S. S. não conta nenhum bispo católico em liberdade (salvo, talvez, na clandestini-

dade). Um está na prisão, o antigo auxiliar do cardeal Slipij, D. Welychkowski, preso em 1969 por exercício ilegal do ministério católico. Quatro outros vivem no estrangeiro: o cardeal (82 anos), e D. Katkoff, de 58 anos, que está encarregado dos católicos russos de rito latino no exílio; ambos vivem em Roma; D. Sloskans (de Mohilev), 80 anos, que vive em Lovaina, e D. Sipovic, 60 anos, encarregado dos Bielorrussos no exílio, que vive em Londres.

Para substituir os padres presos ou mortos, o Vaticano criou em 1929 um centro de estudos sobre a Rússia: o «Russicum», confiado aos Jesuítas. Muitos dos padres aí formados penetraram na U. R. S. S. entre 1940 e 1945. Foram todos presos, deportados para campos de concentração e expulsos no fim da pena cumprida. Depois do Concílio, o «Russicum» modificou parcialmente as suas perspectivas: recebe actualmente se-

minaristas e padres ortodoxos para estágios de estudos. Por outro lado, os seus responsáveis vão regularmente à U. R. S. S. onde visitam os dignitários da Igreja ortodoxa e os responsáveis do «Bureau» moscovita para os cultos.

Acrescentemos, para sermos mais completos, que em todo o caso a antiga organização eclesial não corresponde de modo algum à realidade de hoje: os repatriamentos de alemães e de polacos depois da guerra esvaziaram certas dioceses da sua população, a modificação de fronteiras cortaram outras em bocados. Enfim, as sucessivas vagas de perseguições modificaram estruturas eclesiais: os uniatas passaram à ortodoxia, ucranianos passaram para o rito latino...

Por seu lado, os exilados, em certos lugares, recriaram as dioceses: há 3 dioceses rutenas nos Estados Unidos e 13 dioceses ucranianas pelo mundo fora.

"Voz de Fátima", Fátima, 53 (531), 13 Abr. 1975, p. 2 col. 1